

O LIMIAR ENTRE CORPOS ROBÓTICOS E CORPOS HUMANOS EM *DEUSES DE PEDRA* (2007) DE JEANETTE WINTERSON E *ANDROIDES SONHAM COM OVELHAS ELÉTRICAS?* (1968) DE PHILIP K. DICK

LUANA DE CARVALHO KRÜGER¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – luana-kruger@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Deuses de Pedra (2007) de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968) de Philip K. Dick são dois romances distópicos que, embora o distanciamento temporal, trazem uma discussão acerca das aproximações entre corpos robóticos e corpos humanos relevantes para as teorias transumanista, pós-humanista e de vida artificial, caras em um momento histórico em que o corpo humano cada vez mais se maquiniza e o corpo robótico cada vez mais se humaniza e “[...] nossas atividades mais corriqueiras, sejam de caráter orgânico, sensorial, cognitivo ou laborativo, estão tão imbuídas de artefatos tecnológicos que a distinção entre natural e artificial perde a nitidez.” (OLIVEIRA, 2003, p.187).

Na narrativa de Jeanette Winterson, o convívio com robôs é muito presente na sociedade; no entanto, somente uma espécie é semelhante aos humanos. Os robôs sapiens, “[u]ma forma de vida que vai ter de esperar ainda mais do que os humanos para ser vista novamente” (WINTERSON, 2012, p.115) além de igualmente belos aos *Homo sapiens*, são extremamente inteligentes. A população de Orbus, planeta em que a narrativa acontece, passaram por adaptações genéticas que impedem o envelhecimento dos seus corpos e os padronizaram esteticamente, de modo que todos são considerados belos. Já *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* apresenta humanos que fazem uso de um sintetizador de animo, capaz de mantê-los sempre felizes. Os androides são criados a imagem e semelhança dos humanos e é impossível identifica-los sem a aplicação do teste Voight-Kampff. Na narrativa, somos apresentados aos caçadores de androides, que devem identificar e aposentar os androides que habitam clandestinamente o planeta e se passam por humanos. O motivo do conflito entre humanos e androides se dá pela falta de empatia que, segundo os humanos, torna os androides seres artificiais perigosos.

Estudos sobre os corpos humanos e os corpos robóticos presentes nas teorias transumanista e pós-humanista mostram que cada vez mais esses corpos se aproximam. A procura pelo autocontrole do corpo e da mente, “[...] à superação do limite da materialidade humana, aspirando a concretização do chamado homem-máquina [...]” (TRINCA, 2008, p.02) permite com que os robôs sejam um exemplo de domínio a ser almejado pela humanidade, ao passo que a manifestação de emoções humanas são um passo importante para a aceitação de robôs mais humanizados, pois “[q]uando os seres humanos constroem computadores inteligentes para executar programas de vida artificial, eles replicam em outro meio os mesmos processos que os criaram. (HAYLES, 1999, p.241, minha tradução)¹.

¹ Do original: *When humans build intelligent computers to run AL programs, they replicate in another medium the same processes that brought themselves into being.*

Nesse trabalho, será analisado como as relações afetivas entre humanos e robôs se manifestam, observando qual o papel das semelhanças corpóreas e comportamentais de corpos robóticos para aceitação dos humanos, aproximando o conceito de vida biológica ao de vida artificial.

2. METODOLOGIA

A partir de teóricos que discutem o conceito de vida artificial, como Hayles (1999) e Oliveira (2003), procura-se compreender o limiar entre o corpo robótico e o corpo humano, observando como as semelhanças físicas, bem como as manifestações de emoções e afetos são importantes para compreensão dos aspectos transumanos e pós-humanos presente nas obras. Para tanto, foi realizada uma análise das obras juntamente com uma reflexão teórica dos conceitos mencionados acima.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as aproximações físicas entre humanos e robôs o conceito de transumanismo, momento em que os avanços tecnológicos permitiriam a evolução humana (MARKS DE MARQUES; PEREIRA, 2017, p.122), e pós-humanismo, momento em que os humanos teriam total controle de suas faculdades mentais e físicas (BRODERICK, 2013, p. 430) se torna interessante e permite que se possa observar o quanto o corpo perfeito é algo almejado pelos humanos e, de alguma forma, presente nos robôs humanoides, não só pelo padrão estético que os robôs de inúmeras obras de ficção científica apresentam, mas também pelo domínio dos seus corpos, que além de resistentes, são imunes a dor, ao envelhecimento e, inclusive, a morte. “Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, ‘artificiais’. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos.” (TADEU, 2009, p.11).

Essas semelhanças físicas deixavam de ser relevantes, quando ainda se observava que robôs humanoides eram incapazes de manifestarem emoções. A não empatia e/ou a lógica absoluta a qualquer tipo de manifestação afetiva se tornava uma barreira evidente entre robôs e humanos. Os andróides de Dick, por exemplo, eram reconhecidos pela sua falta de empatia para com animais, um parâmetro que pode ser questionado ao se observar que essa empatia é baseada principalmente na ausência de animais na narrativa e não em um modo de agir diante de diferentes circunstâncias. Com isso, o conceito de vida artificial mostra que as aproximações físicas foram apenas um passo diante de outras semelhanças entre o biológico e o mecânico. A manifestação de emoções e afeto, por exemplo, é discutida por teóricos da área e se mostra possível também quando em máquinas. Baseado nos aspectos de manifestação da consciência se compreende que ela “[...] não é representacional. Como o sistema de controle do robô, a consciência não requer uma imagem precisa do mundo; precisa apenas de uma interface confiável.” (HAYLES, 1999, p.238, minha tradução)², a autonomia das máquinas, bem como as manifestações de afeto, podem ser justificadas, pois o “[...] robô não precisa ter um conceito coerente do mundo; em vez disso, ele pode aprender o que precisa diretamente por meio da interação

² Do original: [...] is not, representational. Like the robot's control system, consciousness does not require an accurate picture of the world; it needs only a reliable interface.

com seu ambiente.” (HAYLES, 1999, p.236, minha tradução)³, assim como os humanos que manifestam suas emoções de acordo com o ambiente em que foram criados, de modo que essas manifestações não são frutos genéticos, mas sociais (ROSENWEIN, 2010, p.08).

Isso é o que acontece nas narrativas propostas para essa análise. No caso de Spike, a robô sapiens de *Deuses de Pedra*, se observa que mesmo sendo uma ginoide que trabalha para o governo, ela se desliga de sua central, “[d]esconectei-me dela – disse Spike. – Resolvi viver como fora da lei.” (WINTERSON, 2012, p.243). Spike demonstra manifestações de afeto por Billie, uma personagem humana, bem como preocupações em relação ao modo como os habitantes de Orbus vivem e o futuro do planeta. Ela, portanto, é mais humanizada do que os próprios habitantes de Orbus, que possuem uma visão distorcida e/ou alienada dos problemas sociais que estão enfrentando, como a normalização da pedofilia. De acordo com Billie, Spike “[...] estava viva, se reinterpretarmos o que significa vida, e creio que isso é o que temos feito desde que a vida começou.” (WINTERSON, 2012, p.120).

Já em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* se nota o quanto a ideia de empatia das personagens humanas está diretamente atrelada a uma ideia de status social, enquanto há uma preocupação em possuir um animal, as personagens humanas destratam e ignoram aqueles que, por algum motivo, não estão adaptados e/ou se adequam as necessidades sociais, como Isidore que “[...] não passou no teste de faculdades mentais mínimas, o que fez dele, como se diz popularmente, um cabeça de galinha. Sobre ele recaia o desprezo de três planetas.” (DICK, 2015, p.20). Os androides, por não terem uma cultura de convívio com os animais acabam não manifestando empatia por eles, no entanto, se preocupam com os outros androides, sofrem com a perda deles e demonstram afeto por outras personagens, como podemos ver no trecho em que Pris relembra os amigos: “Se eles estiverem mortos, então realmente nada mais importa. São meus melhores amigos. Me pergunto porque diabos não tenho notícias deles? – ela praguejou, furiosa.” (DICK, 2015, p.115). Os lapsos de empatia presentes nos androides, podem ser identificados nos humanos, com o maior exemplo sendo o de Rick, o caçador de androides, com sua esposa Iran, ao dizer que: “A maioria dos androides que conheço tem mais vitalidade e desejo de viver do que a minha mulher. Ela não tem nada pra me oferecer.” (DICK, 2015, p.78), o que permite observar o quanto esse conceito é falho e carregado de aspectos que estão muito mais ligados a um status econômico do que a manifestação de afeto.

O que o conceito de vida artificial enfatiza é que as falhas humanas também estarão presentes nos corpos robóticos, ao passo que a própria criação visa o convívio entre essas duas espécies. Justamente por se tratar da ideia de vida e de aprimoramento independente de uma central, bem como convívio com os humanos é que essas falhas podem ser justificadas.

4. CONCLUSÕES

Em suma, enquanto o transumanismo e o pós-humanismo estão conectando aspectos do aprimoramento do corpo dos humanos e visando alguns aspectos do corpo robótico como traços de pós-humanidade, a vida artificial traz aspectos do comportamento humano para robôs humanóides e coloca corpos humanos e corpos robóticos em um nível de semelhança entre espécie biológica e espécie

³ Do original: [T]he robot does not need to have a coherent concept of the world; instead it can learn what it needs directly through interaction with its environment.

artificial. As narrativas analisadas permitem que essas teorias façam um cruzamento interessante, apontando perspectivas de aprimoramento do comportamento robótico, bem como do corpo humano e apontando perspectivas que refletem nas mudanças e nas adaptações que estão acontecendo no presente, como uma alerta ou um aviso do que está por vir (HILÁRIO, 2013, p.202).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRODERICK, Damien. Trans and Post. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Ed.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013, p. 430 – 437.

DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2015, 191p. Tradução: Ronaldo Bressane.

HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. Chicago: University of Chicago, 1999, p.222 – 246.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v.18, n.2, p. 201-215, 2013.

MARKS DE MARQUES, Eduardo; PEREIRA, Anderson Martins. A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia: Uma análise das trilologias Divergente e A 5ª Onda. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 70, p. 119-127, 2017.

OLIVEIRA, Fatima Regis. Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina. *Revista Fluminense*, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, vol. 9, p. 177 – 198, 2003.

ROSENWEIN, Barbara H. Problems and Methods in the History of Emotions. *Passions In Context*. International Journal for the History and Theory of Emotions, 2010, p.1-32. Disponível em: <<http://www.passionsincontext.de/index.php?id=557>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, T (Org.); HARAWAY, D.; KUNZRU, H. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 7 – 16.

TRINCA, Tatiane. *O corpo-imagem na “cultura do consumo”*: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado, 2008, 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

WINTERSON, Jeanette. *Deuses de Pedra*. Editora Record, 2012, 288p.